

**ESTRUTURAS DISCURSIVAS:
A PROGRESSÃO REFERENCIAL E A EXPRESSÃO LITERÁRIA
NOS CONTOS “DIÁLOGO DA RELATIVA GRANDEZA”
& “O PEQUENO POLEGAR”**

Dayhane Alves Escobar Ribeiro Paes (UERJ)
dayhanepvs@gmail.com

RESUMO

Pode-se destacar que a proposta maior desta pesquisa é possibilitar que a produção de conhecimento sobre a referenciação possa contribuir para o desenvolvimento de estratégias mais amplas para o ensino da leitura e da produção de texto em língua materna. Dado o exposto, é latente a necessidade de se buscarem soluções para a problemática que envolve a questão do ensino da língua no que compete aos usos sociais da linguagem e seus compêndios gramaticais. Sendo assim, na trajetória proposta para este artigo, será possível notar como o ensino de língua portuguesa deve extrapolar os limites entre linguagem e discurso, impostos na sala de aula, e vislumbra-se por este recurso a necessidade de concatenar a prática docente à ação social sobre o ensino da língua a partir da interseção da leitura e da escrita. Por esse motivo, o presente trabalho abordará questões pertinentes ao à leitura de textos literários por meio da análise da referenciação como uma estratégia discursiva, levando em consideração os contos *Diálogo da Relativa Grandeza* de José Jacinto Veiga e *O Pequeno Polegar* dos Irmãos Grimm. Do alto da experiência literária, a análise dos contos reúne, num estilo a um só tempo, estratégias que poderiam ajudar em um melhor desempenho na leitura, na produção escrita e na apreensão do discurso e da gramática apropriados para o uso da língua nas práticas cotidianas de comunicação. Por isso, não é pretensão, aqui, repetir diferentes análises sobre ensino, mas mostrar com nitidez como tal proposta revela no texto a relação leitura, escrita e gramática, como um ato de discurso interativo.

Palavras-chave: Estruturas discursivas. Progressão referencial. Expressão literária.

1. Introdução

É notório que o texto pode ser encarado como um conjunto de “partes” que estabelecem relações de interdependência semântica. A ri-

gor, falar de “partes” já constituiria um equívoco, uma vez que os segmentos textuais têm uma existência autônoma de sentido bastante reduzido. Neste caso, o estudo que aqui se apresenta visa a encarar a referenciação como responsável pela conexão semântica dessas “partes” do texto, pelo andamento textual, pela manutenção temática e pela progressão referencial. Sendo assim, na trajetória que iremos seguir, veremos como a articulação textual extrapola o limite das sentenças e dos parágrafos, e vislumbra-se por este recurso a necessidade de concatenar argumentos distintos num mesmo texto, tornando-o uma unidade linguística e semântica.

Desse modo, partindo dessa proposta, buscou-se no aporte teórico específico possibilidades que possam fazer relação entre a referenciação e a construção de sentido no texto por meio da materialidade linguística e da expressão literária. Isso porque, quando tratada na perspectiva textual e pragmática, a análise dos recursos coesivos utilizados no texto literário pode demonstrar o quanto se reproduz modelos já institucionalizados no gênero textual, ao mesmo tempo em que seus autores “lutam” em prol de uma palavra própria. Logo, a reflexão que se propõe vê a língua como uma forma de sociointeração e, a partir dessa visão, entende-se o texto como uma manifestação verbal que se constitui da seleção e da ordenação desses elementos linguísticos utilizados pelos falantes nesse processo de interação, de acordo com seus objetivos e práticas socioculturais. (Cf. KOCH, 1997)

Assim, reconhecendo a polêmica do tema tratado, pode-se destacar a proposta maior de possibilitar que a produção de conhecimento sobre a referenciação possa contribuir para o desenvolvimento de estratégias mais amplas para o ensino da leitura e da produção de texto em língua materna. Dado o exposto, é latente a necessidade de se buscarem soluções para a problemática que envolve a questão do ensino da língua no que compete aos usos sociais da linguagem e seus compêndios gramaticais. Sendo assim, na trajetória proposta para este artigo, será possível notar na escolha do gênero conto como a expressão literária possibilita a construção do referente no texto, isto é, através de recursos linguísticos e gramaticais, como o uso de adjetivos, metáforas e ordens de grandeza, os autores constroem discursivamente seus personagens no texto. Assim, é possível afirmar que o texto literário, seja ele uma produção contemporânea como o *Diálogo da Relativa Grandeza* ou uma produção clássica da tradição literária como o *Pequeno Polegar*, deve extrapolar os limites entre linguagem e discurso.

Vislumbra-se por esse recurso a necessidade de concatenar a habilidade de leitura e de escrita sobre o ensino da língua a partir da interseção da leitura, da escrita e da gramática, reconhecendo na materialidade linguística ferramentas necessárias para a expressão literária. Por esse motivo, o presente trabalho abordará questões pertinentes à leitura de textos literários por meio da análise da referenciação como uma estratégia discursiva, levando em consideração as aulas do professor José Carlos Azeredo. Do alto de sua experiência, o docente supracitado reuniu no seu curso, num estilo a um só tempo, o ensino da língua com estratégias que poderiam ajudar em um melhor desempenho na leitura, na produção escrita e na apreensão do discurso e da gramática apropriados para o uso da língua nas práticas cotidianas de comunicação. Por isso, não é pretensão, aqui, repetir diferentes análises sobre ensino, mas mostrar com nitidez como tal proposta revela no texto a relação leitura, escrita e gramática, como um ato de discurso interativo.

Fica evidente, portanto, que mais do que apresentar a referenciação como uma ferramenta textual, pretende-se afirmar aqui que a principal contribuição que esse trabalho oferece para o ensino de língua materna concerne na abordagem do texto literário a partir de uma perspectiva dos processamentos cognitivos. Ao revelar como os elementos vão sendo construídos no texto, a partir de componentes culturais e conhecimentos diversos da linguagem literária, destaca-se, portanto, a progressão referencial a partir do processo de letramento: leitura, escrita e discurso. Sob este prisma, o presente trabalho reúne os recursos de referenciação com os recursos gramaticais como responsáveis pela cadeia de informações a respeito dos personagens de cada conto, atuando diretamente na progressão referencial e na expressão literária através das escolhas linguísticas de seus autores. Tudo isso em busca de se defender a ideia de que todo docente é um professor de leitura, independente de que conteúdo se ensine na sala de aula, pois o código que o professor utiliza, como instrumento de comunicação em sala de aula, é a língua materna, e esse domínio eficaz da leitura dar-se-á através da escrita. Logo, cabe ao trabalho docente de língua portuguesa, no que tange à leitura e à escrita na escola, fazer com que seu aluno reconheça em cada gênero textual as organizações lexicais próprias da língua escrita, criando assim subsídios para o ensino.

2. *A progressão referencial*

Muitas pesquisas têm mostrado que as expressões nominais referenciais desempenham uma série de funções cognitivo-discursivas de grande relevância na construção textual do sentido, dentre as quais se podem destacar as seguintes: ativação e reativação na memória. Essas funções atuam como formas de remissão a elementos anteriormente apresentados no texto ou sugeridos pelo contexto precedente, possibilitando a (re)ativação de alguma informação na memória do interlocutor. O rótulo tem papel organizador que se estende. Isso quer dizer que o grupo nominal deve ser plenamente lexicalizado no que se segue, e as orações de substituição (WINTER, 1982) devem ser plenamente compatíveis semanticamente. Nesse sentido, os modificadores lexicais atuam como qualificadores adicionais dentro do grupo nominal, desempenhando, assim, em conjunto, as funções preditivas e organizadoras típicas dos rótulos.

Dessa forma, se podem notar como essas expressões contribuem para a construção de cadeias de referência e, na medida em que, cuidarem de garantir a continuidade de um texto, poderão realizar a chamada progressão referencial estabelecendo um equilíbrio entre duas exigências: repetição (retroação) e progressão. Isto é, na escrita de um texto, remete-se a referentes que foram apresentados e introduzidos na memória do interlocutor; e acrescentam-se as informações novas, que passarão também a constituir o suporte para outras informações. As retomadas ou remissões a um mesmo item lexical contribuem para a progressão referencial. Segundo Koch (2002), cada tipo de rótulo imprime ao texto em que está inserido um grau de argumentatividade distinto, ou seja, há rótulos que podem ser vistos como aparentemente neutros e outros que denotam uma elevada carga de argumentatividade. Tedesco (2002) corrobora esta visão porque afirma que o caráter avaliativo do rótulo não reside, apenas, no nome núcleo ou no modificador, mas também no contexto em que o rótulo se insere. Segundo Koch (2004), a maior parte dos rótulos encerra um valor persuasivo, ou seja, os rótulos podem orientar o interlocutor na direção de certas conclusões.

Assim, a progressão referencial pode ser compreendida como o processo de introdução e retomada dos referentes, ao longo do texto, por meio dos recursos de referência. Tal articulação possibilita pensar em que sentido a seleção lexical na construção do sintagma nominal de referência contribui para a argumentação. Desse modo, a linguística textual passa a considerar os conhecimentos acumulados e compartilhados

pelos participantes da cena comunicativa no processamento dos textos, reconhecendo que a construção de significados veiculados pelo texto se dá pela conexão de várias ações conjuntas praticadas pelos indivíduos:

[...] na base da atividade linguística está a interação e o compartilhar de conhecimentos e de atenção: os eventos linguísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes. São, ao contrário, uma atividade que se faz com os outros, conjuntamente. (KOCH, 2004, p. 31)

É neste ínterim que o pensamento linguístico se volta para as questões cognitivas relacionadas à referenciação e à progressão, que emergem na linguística textual, conforme os estudos de Mondada e Dubois (2003), que discutem o processo de referenciação ao longo das interações linguísticas. Com isso em mente, a progressão referencial ocorrerá pela recorrência de vários referentes relacionados a um mesmo item no interior do texto. Para tanto, torna-se necessário lançar mão do conceito de *cadeia referencial*, que, segundo Koch (2004, p. 67), torna-se pertinente a esse estudo, pois “a reconstrução é a operação responsável pela manutenção em foco, no modelo de discurso, de objetos previamente introduzidos, dando origem às cadeias referenciais ou coesivas, responsáveis pela progressão referencial do texto”.

Tal construto teórico está relacionado à introdução e à manutenção dos referentes ao longo do texto. Além disso, por estar relacionada à manutenção de referentes, o estudo da progressão referencial, apesar de pertencer ao âmbito da coesão textual, articula-se às exigências de *repetição e progressão* da coerência textual (CHAROLLES, 1997). No que concerne à repetição, a partir da recorrência de elementos e conteúdo, ela deve ser realizada com o intuito de fazer progredir o texto por meio de acréscimo semântico. Já, no que tange os estudos acerca da progressão referencial, é importante ressaltar que não pressupunham uma estabilidade ou univocidade referencial. Para Marcuschi & Koch (2002, p. 88), por exemplo, “todos os casos de progressão referencial são baseados em algum tipo de referenciação, não importando se são os mesmos elementos que recorrem ou não”.

Assim, pode-se concluir que a construção das cadeias de referenciação está mais relacionada à coesão textual, uma vez que concerne à retomada dos referentes. A este respeito, Marcuschi & Koch (2002, p. 38) afirmam que “*retomar* é uma atividade de continuidade de um núcleo referencial, seja em uma relação de identidade ou não. Ressalta-se que a continuidade não implica referentes sempre estáveis nem identidade entre referentes”. Com essas afirmações, abre-se espaço para que se possa

compreender que o conceito de progressão referencial abarca os casos em que temos uma pluralidade de referentes, formando cadeias referenciais. E, dessa forma, a não-identidade entre os referentes que progridem está relacionada à ampliação propiciada pelo conceito de referenciação, que supera a equivalência entre a referência textual e a correferência presente nos estudos da linguística textual.

Neste sentido, Koch & Elias (2009, p. 132) explicam que referenciação é “o processo que diz respeito às diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes” e que se tem progressão referencial quando “tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes”. Além disso, a respeito do referente, só haverá progressão referencial quando houver a retomada/remissão de um *mesmo* referente. Essa restrição imposta à progressão referencial repercute na conceituação das cadeias anafóricas ou referenciais:

Quando remetemos seguidamente a um mesmo referente ou a elementos estreitamente ligados a ele, formamos, no texto, *cadeias anafóricas ou referenciais*. Esse movimento de retroação a elementos já presentes no texto – ou passíveis de serem ativados a partir deles – constitui um princípio de construção textual, praticamente todos os textos possuem uma ou mais cadeias referenciais. (KOCH & ELIAS, 2009, p. 144)

Desse modo o tópico discursivo é abordado no texto, sem repetições e pode ser mantido ao longo de várias orações por meio de novos referentes ou pode ser abandonado e outro tópico poderá ser retomado. Tudo isso revela que o texto não é monotópico, conforme afirma Koch (2000). O que permite ao redator utilizar, no conjunto de cadeias de referenciação, as expressões que irão proporcionar a eficácia da progressão referencial. Esta progressão, certamente, contribui com o leitor ao lhe oferecer mais informações, juízos de valor e opiniões determinadas pelo produtor do texto.

Sob este prisma, cabe ressaltar que qualquer nome pode ser o núcleo de um rótulo desde que seja inespecífico e requeira realização lexical em seu contexto imediato, veiculando conceitos mais específicos para definir termos relacionados a campos particulares de referência. Assim, o rótulo como um recurso de categorização e avaliação opera de forma cognitiva, revelando as emoções do falante. Tal pressuposição, portanto, se mostra adequada à teoria cognitiva, uma vez que toda atividade de designação por meio da língua – ou seja, de referenciação – se realiza mediante certa estabilidade referencial na proporção em que lançamos mão de bases ontológicas compartilhadas, a fim de que se possam produzir

textos coesos e coerentes em relação aos referentes utilizados. A cadeia de referenciação, assim, permite descrever com mais clareza como cada entidade é cognitivamente processada, observando o estatuto dos valores semânticos e possibilitando a progressão referencial.

3. *A expressão literária*

A expressão literária possibilita à palavra adquirir a essência na construção de sentido, discursivamente. No texto literário, a palavra amplia sua significação de acordo com o contexto. Essa face plástica da palavra é garantida na literatura por se permitir uma imitação pela palavra que assente na ficcionalidade dois valores nucleares: o valor de significado (semântico) e o valor formal (da materialidade linguística). Assim, pode-se afirmar que há uma intenção estética, artística, altamente polisêmica.

Desse modo, o que define a expressão literária é, mais do que a vontade de comunicação, a sua capacidade de significar. Já se percebe o alto índice de multissignificação dessa modalidade de linguagem que, de antemão, quando com ela travamos contato, sabemos ser especial e distinta da modalidade própria do uso cotidiano. Quem se aproxima do texto literário sabe *a priori* que está diante de manifestação da literatura, portanto, pode encontrar neologismos lexicais ou semânticos e, mais do que isso, o discurso literário traz, em certa medida, a marca da opacidade: abre-se a um tipo específico de decodificação ligado à capacidade e ao universo cultural do receptor. É claro que remete a uma realidade dos homens e do mundo, mas muito mais profunda do que a realidade imediatamente perceptível e traduzida no discurso comum das pessoas.

Diante de tudo isso, é correto afirmar que a expressão literária ultrapassa os limites do texto. As obras literárias existem em um contexto, não podem ser separadas em um passe de mágica dos discursos que pretendem objetivamente descrevê-las e avaliá-las, porque elas têm o sentido que esses discursos lhes dão. Por esse motivo, em algumas circunstâncias, a literatura correspondia à memória escrita de dogmas socialmente herdados, do senso comum e das convenções, depósito de normas e princípios morais. Logo, para manter uma relação prazerosa com o texto literário, é importante considerar que este texto vive do que a mensagem contém e não do que ela simplesmente diz. A literatura pode usar como inspiração fatos/acontecimentos e pode trabalhá-los com a liberdade que a palavra lhe confere, recorrendo ao seu sentido conotativo ou

metafórico, em um jogo dialético entre a pré-compreensão que o texto determina e outras compreensões, derivadas de outras perspectivas pela materialidade linguística em diferentes campos gramaticais desde a sintaxe, a morfologia e a semântica.

Nesse tocante, é correto afirmar que a linguagem literária considerada cânone da variedade padrão no período romântico e que foge deste paradigma durante o Modernismo, caminhando de um extremo a outro, provoca a inquietação daquele que a decifra por não ter uma definição já pronta. O que se reconhece na linguagem utilizada no texto literário é a forma de expressão de sensações, de sentimentos e de discursos. Não fica clara a existência de um modelo de linguagem literária, o uso literário da língua caracteriza-se por um cuidado especial com a forma, visando a exploração de recursos que o sistema linguístico oferece, nos planos fônico, prosódico, léxico, morfossintático e semântico.

Não obstante, está correto o que se afirma acerca da expressão literária, pois o texto literário tem uma dimensão estética, plurissignificativa e de intenso dinamismo, que possibilita a criação de novas relações de sentido, com predomínio da função poética da linguagem. É, portanto, um espaço relevante de reflexão sobre a realidade, envolvendo um processo de recriação lúdica dessa realidade. Por isso as narrativas podem ser interpretadas como parábolas da nossa realidade cotidiana, ao mesmo tempo, que têm o seu lado irônico e humorista, também apontam para o lado filosófico e moral.

Fica evidente, portanto, que a expressão literária é um dos traços característicos das narrativas. Através dos discursos, os autores apresentam a realidade cotidiana sem a preocupação de ter um discurso realístico. Com esse recurso é possível questionar as fronteiras entre o real e o fantástico, entre o objetivo e o subjetivo, entre os ideais infantis e a realidade adulta. Esses elementos encontram-se também nas relações humanas, na política ou nas incapacidades da comunicação entre as pessoas. Essa forma de se expressar no texto literário explora a função do misterioso, mágico e absurdo, pois ela é utilizada principalmente como um meio de refletir e recriar a realidade, reordenando-a. Isso dá ao texto um caráter ficcional, ou seja, o texto literário interpreta aspectos da realidade efetiva, de maneira indireta, recriando o real em um plano imaginário.

4. A análise dos contos

É a partir desse aporte teórico baseado na progressão referencial e na expressão literária que nos embasaremos, visando uma breve análise comparada de dois contos que tratam sobre a relatividade do ponto vista de figuras, que assumem discursivamente o papel de ser inferior fisicamente para revelar suas perspectivas acerca do mundo em que vivem. Assim, a análise que se propõe cuidará dos recursos utilizados nos contos para retratar cada personagem sob o viés da referenciação aos tópicos destacados, comparando os contos *Diálogo da Relativa Grandeza* e o *Pequeno Polegar*, buscando suas distinções e intersecções quanto à materialidade linguística.

5. Resumo dos contos

Diálogo da Relativa Grandeza conta a história de dois irmãos e das suas fantasias. Doril, o mais *velho*, examina um louva-a-deus e a sua irmã Diana vem falar com ele. Mas Doril não tem paciência para ouvir as histórias dela e as crianças começam a discutir. Brincando com o louva-a-deus, Doril começa a pensar em aspectos filosóficos da vida. Vê que pode fazer bem e mal ao inseto e percebe que é possível que a gente seja também alguma forma de inseto nas mãos de algum outro ser. Mas Diana quer brincar com o irmão e interrompe os seus pensamentos em “*com certeza cheio de –*”. Assim, Doril volta ao mundo real e usa as ideias que acabou de inventar contra a irmã. Em um certo momento, Diana fica na dúvida porque não consegue achar argumentos contra as ideias do irmão, mas, quando vê que Doril não tem nenhuma prova, ela volta ao seu ceticismo e recusa-se de procurar sentido nas falas do seu irmão. As conversas entre os irmãos representam assim um contraste entre duas filosofias da vida: a fantasia do menino e o mundo real e prático da menina. Juntos criam uma atmosfera de infância cheia de curiosidade e de fascinação pela natureza.

Já o *Pequeno Polegar*, na versão de Jacob e Wilhelm Grimm, os irmãos Grimm, foi escrito no ano de 1812 e está contido no livro *Contos dos irmãos Grimm*, vol. 1, eles eram alemães e em meio as investidas Napoleônicas escreveram os contos com o intuito de fortalecer a nação através dos espíritos de confiança e esperança. *O Pequeno Polegar* é um antigo conto de fadas europeu, e ninguém sabe quem o contou pela primeira vez. Foi recontado pelo escritor francês Charles Perrault. É bem possível que o *Pequeno Polegar* tenha sido inspirado na história hebraica

do pastor Davi, que depois virou rei dos hebreus. Segundo a narrativa, havia um casal que desejava muito ter um filho, quando o desejo se realizou, eles ficaram tão felizes que nem se importaram com o fato de o menino ser menor que um dedo polegar. Por escolha própria o Polegar vende a si mesmo para ajudar a família e sai pelo mundo tentando retornar ao seu lar. Ele acaba sendo engolido por uma vaca e posteriormente por um lobo, mas ao final induz o lobo a buscar comida em sua casa, onde é surpreendido pelo pai do polegar que o mata e salva a pequena criança. Como se pode notar, apesar do tamanho, o menino era muito esperto e saudável e se envolvia em várias aventuras e apenas conseguia escapar das situações-problemas por causa do seu minúsculo tamanho. Trata-se de uma bela história de superação, mas com muitos desafios que o pequeno precisa enfrentar.

A trama do conto *Diálogo da Relativa Grandeza*, de J. J. Veiga, é construída com base em comparações entre coisas de diferentes dimensões, mas que apresentam alguma semelhança. Essa percepção da relatividade é retratada no conto em vários momentos para reforçar a ideia de que nada é absoluto, conforme pode ser percebido nesses diálogos abaixo entre os personagens Doril e Diana:

- Marmelo é banana, besta?
- Não é mas serve.
- Não é vantagem? É muita vantagem.
- Eu estou matando, estou?
- Está judiando. Ele morre.
- Amolar um bicho tão pequenininho é o mesmo que judiar.

No parágrafo em que Doril se compara a Deus, as perguntas formuladas dizem respeito à relatividade dos animais e dos homens quando comparados uns aos outros. Além disso, no último parágrafo, segundo a visão de mundo de Doril, o deslocamento das crianças ocorre ficcionalmente. Nota-se que Veiga tenta demonstrar a fragilidade através do pequeno tamanho. Em contraposição, no conto dos Irmãos Grimm, o personagem principal aparece como um filho que foi bastante desejado e esperado pelos pais. Filho este que não foi rejeitado por suas limitações, tais como: sua estatura, muito menor do que uma criança normal; sua fragilidade etc., muito pelo contrário ele foi criado em um ambiente familiar, sendo estimulado em suas potencialidades, como a esperteza, e

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

cuidado, tendo a atenção total dos pais. Neste conto, o pequeno tamanho é visto como uma virtude – um desafio a ser superado.

O tema relatividade valoriza o ponto de vista nos dois contos, isto é, tudo depende de uma perspectiva. Nesse tocante, os autores fazem comparações, relativizando de acordo com o ponto de vista de quem vê, isto é, o que narrador-personagem aponta naquele momento seria como outra coisa em uma proporção bem menor na visão de um ser minúsculo.

| Comparações relativizando de acordo com o ponto de vista de quem vê: | | | |
|--|---------------------|-------------------------|-------------------|
| Diálogo da Relativa Grandeza | | O Pequeno Polegar | |
| <i>Visão do pequeno</i> | <i>Visão Real</i> | <i>Visão do pequeno</i> | <i>Visão Real</i> |
| Coqueiro | Pé de salsa | Varanda panorâmica | Aba do chapéu |
| Menina | Formiga de dois pés | Esplêndido lugarzinho | Palheiro |
| Rêgo d'água | Fio de linha | Dentro do moinho | Na boca da vaca |
| Morro | Montinho de terra | Dormitório | Casca de caracol |
| Bacia | Tampa | Alojamento | Estômago da vaca |
| Mãe | Formiga | Esconderijo | Toca de rato |
| Balde | Dedal | Carona para casa | Barriga do lobo |
| Colher | Casquinha de arroz | Guia da carroça | Orelha do cavalo |
| Escada | Dentes do pente | Escalada | Paletó do pai |

A língua da narração, nos contos, não é nem o padrão nem a língua coloquial, mas sim uma mistura de língua formal com o vocabulário típico de zonas rurais. O aspecto linguístico das narrativas tem elementos especiais como, por exemplo, a economia da expressão e o uso de neologismo. No texto de Veiga, são apresentadas alterações lexicais como as ocorridas em Milton para Mirto, em *me-dar* para *mindar*, em diferente para deferente. Essas passagens revelam que os dois personagens usam uma típica linguagem infantil, cheia de interjeições e com marcas de oralidade como os desvios na pronúncia das palavras, criando um retrato fiel da fala das crianças.

Quanto ao plano da narrativa, os elementos dos dois textos demonstram que a mistura das vozes aproxima o narrador das experiências vividas pelas personagens. Essa variação do foco narrativo é marcada pela alternância no uso da primeira e da terceira pessoa, marcando o envolvimento do narrador com a história que ele conta, observando e participando, ao refletir junto com os personagens do conto sobre as questões filosóficas levantadas. Assim, pode-se afirmar que o conto está escrito na terceira pessoa, mas a narração é frequentemente interrompida pelos diálogos das crianças. Essas conversas criam a gradação da narrativa e, mui-

tas vezes, a voz do narrador se mistura com as dos personagens, como em “Era difícil tapar a boca de Diana, ô menina renitente”.

Em *Diálogo da Relativa Grandeza*, as conversas das crianças servem também para a descrição do cenário porque nelas há várias referências sobre o ambiente em que elas vivem. Assim o leitor entende que é uma fazenda no campo. Por exemplo, quando Doril faz as suas comparações de coisas, cria, sem perceber, uma imagem visual do lugar, ou quando Diana fala sobre o livro que vai ganhar entende-se que um livro é como um tesouro para essas crianças. Todavia, o espaço rural, que é um elemento comum na obra de Veiga, tem propriamente muita influência na ação desse conto ao fornecer exemplos para sustentar a tese de Doril. Concomitante, no conto dos irmãos Grimm, encontramos uma repressão a exteriorização da pulsão de morte através da agressividade velada, uma vez que é o próprio personagem que se vende como forma de ajudar financeiramente seus pais, com a promessa de que voltará são e salvo, apesar de ser apresentado com o filho, a criança, o comportamento do *Pequeno Polegar* demonstra muita maturidade, como podemos perceber no trecho da obra:

- Queremos comprar esse pequerrucho – foram dizer ao camponês.
- Quanto custa? Não se preocupe que a gente cuida bem dele.
- Não vendo de jeito nenhum! – respondeu o pai, sem querer saber de conversa. – Ele é meu filhinho querido, não vendo por ouro nenhum no mundo.
- Deixa pai... eu volto.

Nessa aventura de volta para casa, ele se faz engolir por um lobo o prometendo comida em sua casa, quando eles chegam lá o seu pai mata o lobo salvando a pequena criança. O que demonstra também a pulsão de vida do pequenino, que mesmo se vendendo buscou sair dessa trama.

As comparações supracitadas e outras levantadas dos textos, que dizem respeito à materialidade linguística nas narrativas escolhidas, também podem ser vista através do quadro de análise a seguir:

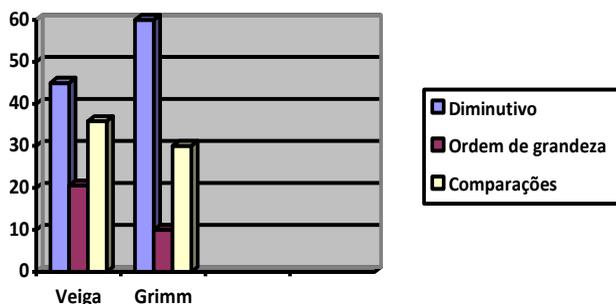
| Conteúdo e Estrutura do Texto | J. J. Veiga | Irmãos Grimm |
|-------------------------------|--|--|
| Descrição | Referências sobre o ambiente em que vivem – quintal da casa. | Referências sobre o ambiente em que elas vivem – a floresta, a estrada e a casa. |
| Foco narrativo | Mistura das vozes aproxima o narrador das experiências | Variação do foco narrativo é marcada pela alternância no uso |

| | | |
|-----------------------|--|--|
| | vividas pelas personagens. | da 1ª e da 3ª pessoa. |
| Abordagem temática | Interdisciplinaridade com filosofia, matemática e religião. | Moral da história: tamanho não é documento; roubar é errado; quem ama, perdoa. |
| Registro de linguagem | Diálogo; Linguagem rural; Marcas de oralidade próximas da fala infantil. | Diálogo; Linguagem rural; Ausência de marcas de oralidade, fala formal. |

Ainda em análise comparativa feita entre as obras, pode-se destacar o recurso linguístico na construção dos referentes no texto, isto é, levantou-se todas as formas de referência nas obras e criou-se o seguinte quadro para comprovar a relação entre a progressão referencial e a expressão literária.

| Materialidade linguística | Em J. J. Veiga | Em Irmãos Grimm |
|---------------------------|---|---|
| Uso de diminutivos | Micuins; caixotinho; devagarinho; bichinho; matinho; pequenininho; miudinho; pobrezinho; miudinhas; rodela; anão; pequenos; invisíveis. | Pequenino; garotinho; carrinho; rapazinho; baixinho; molecote; homenzinho; filhinho; banqueta; menininho; conversinha;. |
| Ordem de grandeza | ‘dois dedinhos separados’ ‘um metro de tamanho’ ‘grandegrandegrandegrande’ ‘um metro e vinte e tantos’ ‘seis palmos e meio’ | ‘Pequenino’ ‘dedo polegar’ ‘Pequeno polegar’ ‘não muito maior que o dedo’ ‘um bom bocado’ |

Para fundamentar a pesquisa, aponta-se o seguinte gráfico:



Por ser um conto de fadas com finalidade didática voltado para um público infanto-juvenil, é justificável o fato de Grimm apropriar-se mais de diminutivos no seu texto para dar conta de uma adequação da linguagem ao público-alvo.



Vale ressaltar ainda outros recursos linguísticos encontrados na obra de Veiga como:

➤ INTERDISCIPLINARIDADE

– O trecho “Foi não. / Foi. Eu ouvi. / Foi não. / Foi. / Foi não. / Fooooi. / Continuariam até um se cansar e tapar os ouvidos para ficar com a última palavra se Diana não tivesse a habilidade de se retirar logo que percebeu a dízima” descreve uma particularidade do diálogo infantil. A palavra *dízima* permite ao narrador avaliar a situação vivida pelas personagens, apropriando-se de um termo relacionado à matemática, fazendo referência à representação decimal de um número que se repete indefinidamente. E em “Então ele era Deus”, nota-se a referência ao discurso religioso pela comparação da grandeza dos seres.

➤ FORMAS LINGÜÍSTICAS

| | | | |
|----------------|----------------|------------|----------------|
| ‘Era capaz de’ | ‘continuariam’ | ‘dissesse’ | ‘Será que...?’ |
|----------------|----------------|------------|----------------|

Para exprimir suposições no conto são utilizados diferentes tempos verbais como o futuro do pretérito e o modo subjuntivo além de questionamentos que marcam as situações hipotéticas criadas por Doril ao usar essas expressões.

| | | | | |
|---------|-------|--------|----------|-----------------|
| ‘besta’ | ‘seu’ | ‘sebo’ | ‘tapada’ | ‘tamanho homem’ |
|---------|-------|--------|----------|-----------------|

Para marcar a implicância entre as crianças são utilizados sintagmas com valor pejorativo, típicos de determinadas regiões. Nota-se também que o uso de uma mesma palavra no texto adquire um valor semântico distinto como ‘bobo’ (que faz bobeira); ‘boba’ (ingênua).

| | | | | | |
|-------------|-------|------------|---------|----------|----------------|
| ‘pra’/‘pro’ | ‘num’ | ‘alumiado’ | ‘foooi’ | ‘rodela’ | ‘ele nem nada’ |
|-------------|-------|------------|---------|----------|----------------|

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Para reforçar a diversidade de uso da língua no texto são empregadas expressões de oralidade nos discursos do narrador e dos personagens. Além disso, é possível observar que o registro informal da colocação pronominal na função de objeto direto também marca essa variação como em ‘soprou ele de leve’; ‘será que quem manda elas’.

| | | |
|-----------------------|---------------------------|----------------------------|
| ‘um metro de tamanho’ | ‘dois dedinhos separados’ | ‘grandegrandegrandegrande’ |
|-----------------------|---------------------------|----------------------------|

Para descrever a grandeza e o tamanho das coisas no texto são usadas medidas reais, metafóricas e neologismo.

| | |
|------------------------------|-------------------------------------|
| ‘garantia de uma autoridade’ | ‘história de recado por pensamento’ |
|------------------------------|-------------------------------------|

Para desprestigiar a ideia de Doril através do riso de zombaria Diana considera que sua ideia é mais uma invenção, comparando-a com um fato precedente por meio de flash no tempo da narrativa, resgatando da memória da menina outra façanha dele.

| | | |
|----------------------------------|--------------------------------------|---------------------------|
| ‘leve pulsar de fole do pescoço’ | ‘caixotinho de giz onde eles viviam’ | ‘uma tempestade de vento’ |
|----------------------------------|--------------------------------------|---------------------------|

Para evidenciar o sentido figurado das expressões no texto são utilizadas várias figuras como a gradação, a metonímia, a metáfora e a hipérbole.

| | |
|--|-----------------------------|
| ‘sentado no monte de lenha, as pernas abertas, os cotovelos no joelho’ | ‘um macaco em galho de pau’ |
|--|-----------------------------|

Para apresentar um personagem no texto é utilizado um recurso catafórico antecipando que será o personagem do conto por meio da descrição, que será comparada a uma pose de um animal.

| | | | | |
|----------------|-----------------------|--------------------------|------------------------|---------------------|
| fole – papo | judiar – maltratar | Dízima – algo sem fim | reninente – teimosa | micuins – ácaros |
|----------------|-----------------------|--------------------------|------------------------|---------------------|

Para valorizar o vocabulário são usadas expressões típicas de determinadas regiões como se vê no exemplo retirado do texto ‘rego d’água – vala/vazão de um córrego’.

6. Conclusão

Ao longo deste trabalho, procurou-se apresentar com fundamentação teórica pertinente o estudo acerca da referenciação e da progressão referencial como estratégia discursiva, atentando para o trato dado às cadeias de referenciação. O ponto de vista adotado, neste trabalho, procurou abranger o conceito em questão, priorizando os estudos acerca do

sintagma nominal utilizado para se referir a algum elemento mencionado anteriormente no texto. Neste sentido, foi possível notar como um sintagma nominal pode funcionar como uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente do texto. Conforme se pode mostrar na explicação apresentada, os mecanismos de referenciação puderam funcionar como recurso de interpretação intratextual, rotulando as porções textuais precedentes e denotando um juízo de valor acerca do referente, o que contribui, efetivamente, para o projeto de dizer do produtor do texto.

Em uma perspectiva que podemos caracterizar de sociofuncionalista, o estabelecimento da relação coesiva se dá com base nas relações semânticas na superfície textual, por isso, além de garantir a coesão referencial, também, podem revelar o ponto de vista do produtor de cada texto acerca do tema sobre o qual escreve. Esse aspecto funcional garantiu a possibilidade do entendimento acerca do rótulo de retomar ou de apontar as informações dentro do texto, destacando o seu papel na organização do discurso e o seu papel avaliativo. Partindo dessa constatação, observa-se, como o rótulo tem a capacidade de remeter a porções textuais e, dessa forma, contribuem para a progressão dos assuntos abordados.

Destaca-se, por esse motivo, a importância do caráter avaliativo da expressão nominal rotuladora, já que é um recurso de manipulação do leitor, que pode ser expressa tanto pelo nome núcleo do sintagma nominal, quanto pelo modificador, como assinalado na análise deste trabalho. Além disso, acrescenta-se que o contexto em que o rótulo se insere, também, pode propiciar a construção do valor axiológico desejado pelo produtor do texto. Nesta perspectiva, destaca-se a proeminente necessidade de formação de indivíduos com competência textual para que, efetivamente, participem das diversas situações comunicativas da vida. De certo modo, se deve desenvolver nos alunos de língua portuguesa, nas escolas, condições de produção para a articulação das ideias. E, no momento da materialização do discurso, através da coesão textual, oferecer aos mesmos as ferramentas linguísticas necessárias para que “fujam” da escrita voltada meramente para a classificação gramatical. Dessa forma, pode-se colocar em foco o ensino da coesão como um meio de produzir, junto ao aluno, um saber sobre a língua, a fim de que ele se torne capaz de lidar com as diferentes tarefas cognitivas.

Logo, esse trabalho possibilitou a abordagem do texto literário a partir de uma perspectiva dos processamentos cognitivos, revelando como os elementos vão sendo construídos através dos componentes culturais e conhecimentos diversos. Com a tese levantada nesta pesquisa, po-

de-se, portanto, afirmar que a progressão referencial nas estruturas discursivas evidencia que o texto possui uma estrutura referencial que vai sendo erigida, passo a passo, à medida que ele vai sendo processado, num constante fluxo de idas e vindas, no sentido de que os referentes são constantemente redimensionados. Esse recurso linguístico funciona nos textos como pista de contextualização, construindo cadeias referenciais bem delimitadas e sinalizando a partir de que perspectiva epistêmica seus referentes devem ser percebidos.

Desse modo, espera-se, de alguma forma, que este trabalho tenha contribuído para os estudos da referenciação e de sua relação com o ensino de Língua Portuguesa no que tange à leitura e à escrita como habilidades discursivas cotidianas. Sabe-se que as contribuições de um trabalho acadêmico, diante da complexidade dos aspectos envolvidos na vida em sociedade, são muito mais restritas do que seu realizador gostaria que fossem. Uma vez que o ensino da língua materna é o princípio para a ascensão social, destaca-se a importância da educação para melhorar as condições de vida de pessoas marginalizadas na sociedade contemporânea, “sem estudo, sem comida, sem futuro!”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOTHELOZ, D.; CHANET, C. *Definido e demonstrativo nas nomeações*. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B. B., CIULLA, A., (Orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, Monica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referenciação*. Clássicos da linguística 1. São Paulo: Contexto, 2003.

AZEREDO, J. Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAKHTIN, M. Gêneros do discurso In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BEAUGRAND, Robert; DRESSLER, Alain, WOLFANG, Ulrich. *Introduction to text linguistic*. Longman: University of Vienna, 1981.

BEZERRA, G. P. *Sintagmas nominais como rótulos em livros didáticos de história do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

CÂMARA JR, J. M. *Manual de expressão oral e escrita*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CHAROLLES, Michel. Introdução aos problemas da coerência de textos: abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas. In: GALVES, C. H.; ORLANDI, E.; OTONI, P. (Orgs.). *O texto: leitura e escrita*. Campinas: Pontes, 1997, p. 39-90.

CONTE, M. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M., RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 177-190.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FRANCIS, Gill. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, M. *Advances in written text analysis*. London: Routledge, 1994, p. 83-101.

_____. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M., RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 191-228.

KOCK, Ingedore G. V. *Argumentação e linguagem*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto. 1996.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto. 1997.

_____. *Processos de referenciação na produção discursiva*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____; MARCUSCHI, L. A. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____; TRAVAGLIA, Luís Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto. 1990.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.), *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

ORLANDI, E. Sujeito, história, linguagem In: _____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PAREDES SILVA, V. L. *Rótulos em artigos de opinião e notícias jornalísticas*. Fortaleza: UFC, 2009.

TEDESCO ABREU, M. T. *O processo de referenciação e a construção do texto argumentativo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

VAN DIJK, Teun. Cognitive Context Models and Discourse. In: STAR-NENOW, Maxim. *Cognition and consciousness*. Nova Iorque: Academic Press, 1992.

ANEXO A

Diálogo da Relativa Grandeza

Sentado no monte de lenha, as pernas abertas, os cotovelos nos joelhos, Doril examinava um louva-deus pousado nas costas da mão. Ele queria que o bichinho voasse, ou pulasse, mas o bichinho estava muito à vontade, vai ver que dormindo – ou pensando? Doril tocava-o com a unha do dedo menor e ele nem nada, não dava confiança, parece que nem sentia, se Doril não visse o leve pulsar de fole do pescoço – e só olhando bem é que se via – era capaz de dizer que o pobrezinho estava morto, ou então que era um grilo de brinquedo, desses que as moças pregam no vestido para enfeitar. (...)

– Gi! Matando louva-deus! Olhe o castigo!

– Eu estou matando, estou?

– Está judiando. Ele morte.

– Eu estou judiando?

– Amolar um bicho tão pequenininho é o mesmo que judiar.

Doril não disse mais nada, qualquer coisa que ele dissesse ela aproveitaria para outra acusação. Era difícil tapar a boca de Diana, ô menina renitente. Ele preferiu continuar olhando o louva-deus. Soprou-o de leve, ele encolheu-se e vergou o corpo para o lado do sopro, corno faz uma pessoa na ventania. O louva-a-deus estava no meio de uma tempestade de vento, dessas que derrubam árvores e arrancam telhados e podem até levantar uma pessoa do chão. Doril era a força que mandava a tempestade e que podia pará-la quando quisesse. Então ele era Deus? Será que as nossas tempestades também são brincadeira? Será que quem manda elas olha para nós como Doril estava olhando para o louva-deus? Será que somos pequenos para ele como um gafanhoto é pequeno para nós, ou menores ainda? De que tamanho, comparando – do de formiga? De piolho de galinha? Qual será o nosso tamanho mesmo, verdadeiro?

Doril pensou, comparando as coisas em volta. Seria engraçado se as pessoas fossem criaturinhas miudinhas, vivendo num mundo miudinho, alumiado por um sol do tamanho de uma rodela de confete...

Diana lambendo os dedos e enxugando no vestido. Qual seria o tamanho certo dela? Um palmo de cabeça, um palmo de peito, palmo e meio de barriga, palmo e meio até o joelho, palmo e meio até o pé... uns seis palmos e meio. Palmo de quem? Gafanhoto pode ter seis palmos e meio também – mas de gafanhoto. Formiga pode ter seis palmos e meio – de formiga. E os bichinhos que existem mas a gente não vê, de tão pequenos? Se tem bichos que a gente não vê, não pode ter bichos que esses que a gente não vê não veem? Onde é que o tamanho dos bichos começa, e onde acaba? Qual é o maior, e qual o menor? Bonito se nós também somos invisíveis para outros bichos muito grandes, tão grandes que os nossos olhos não abarcam? E se a Terra é um bicho grandegrandegrandegrande e nós somos pulgas dele? Mas não pode! Como é que vamos ser invisíveis, se qualquer pessoa tem mais de um metro de tamanho?

Doril olhou o muro, os cafezeiros, as bananeiras, tudo bem maior do que ele, uma bananeira deve ter mais de dois metros...

Aí ele notou que o louva-deus não estava mais na mão. Procurou por perto e achou-o pousado num pau de lenha, numa ponta coberta de musgo. Doril levantou o pau devagarinho, olhou-o de perto e achou que a camada de musgo lembrava um matinho fechado, com certeza cheio de...

– Quando é que você vai deixar esse bichinho sossegado? Tamanho homem!

Doril largou o pau devagarinho no monte, limpou as mãos na roupa.

– Você não sabe qual é o meu tamanho.

Ela olhou-o desconfiada, com medo de dizer uma coisa e cair em alguma armadilha, Doril estava sempre arranjando novidades para atrapalhá-la.

– Você nem sabe qual é o seu tamanho – insistiu ele.

– Então não sei? já medi e marquei com um carvão atrás da porta da sala. Pode olhar lá, se quiser.

Ele sorriu da esperada ingenuidade.

– Isso não quer dizer nada. Você não sabe o tamanho da marca.

– Sei. Mamãe mediu com a fita de costura. Diz que tem um metro e vinte e tantos.

– Em metro de anão. Ou metro invisível.

Ela olhou-o assustada, desconfiada; e não achando o que responder, des-conversou:

– Ih, Doril! Você está bobo hoje!

– Boba é você, que não sabe de nada.

Ela esperou, ele explicou:

– Você não sabe que nós somos invisíveis, de tão pequenos?

– Sei disso não. Invisível é micuim, que a gente sente mas não vê.

– Pois é. Nós somos como micuins.

Diana olhou depressa para ela mesma, depois para Doril.

– Como é que eu vejo eu, vejo você, vejo minha mãe?

– E você pensa que micuim não vê micuim?

(...)

ANEXO B

O Pequeno Polegar, de Irmãos Grimm

Era uma vez um pobre aldeão que costumava ficar perto de uma lareira à noite e atizar o fogo, enquanto a sua esposa sentava e fiava. Então ele disse:

– *Como é triste não termos filhos! Aqui tudo é tão calmo, e nas outras casas há muito barulho e alegria.*

– *Sim*, respondeu a esposa, e suspirava, – *mesmo que nós tivéssemos só um, e ele fosse bem pequeno, ainda que do tamanho de um polegar, eu ficaria muito satisfeita, e nós mesmo assim o amariamos com todo o nosso coração.*

Ora, aconteceu então que a mulher ficou doente, e depois de sete meses, deu a luz a uma criança, que tinha todos os membros perfeitos, mas que não era maior que um polegar. Então eles disseram:

– *Aconteceu como desejávamos que fosse, e ele será o nosso filho querido*, e por causa do seu tamanho, eles o chamaram de Pequeno Polegar. Eles não permitiam que faltasse alimento para ele, mas a criança não crescia, mas permanecia como tinha sido desde o começo, não obstante, ele mostrava sensibilidade nos olhos, e logo ele se mostrou ser uma criança inteligente e esperta, pois tudo que ele fazia terminava bem.

Um dia o aldeão estava se preparando para ir para a floresta para cortar lenha, quando disse como se fosse para si mesmo:

– *Como eu gostaria que houvesse alguém que pudesse trazer o carroça para mim!*

– *Oh, papai*, disse o Pequeno Polegar, – *logo eu levarei o carroça para o senhor, pode confiar; ele estará na floresta na hora que o senhor precisar.* O homem sorriu e disse:

– *Como é que isso pode acontecer, és pequeno demais para conduzires o cavalo pelas rédeas?*

– *Isso não tem importância, papai, se a mamãe apenas colocar os arreios no cavalo, eu sentarei nas orelhas dele, e gritarei para ele onde é que ele deve ir.*

– *Bem*, respondeu o homem, *pela primeira vez vamos tentar isso.*

Quando chegou a hora, a mãe arrumou os arreios no cavalo, e colocou Pequeno Polegar em suas orelhas, e então a criaturinha gritou: – *Vamos, vamos!*

E então tudo deu certo como se fosse comandado pelo dono, e a carroça seguiu o caminho certo que dava para a floresta. E aconteceu que assim que ele estava virando uma esquina, e o pequerrucho estava gritando: – *Vamos, vamos!*, dois homens estranhos vieram em direção a ele.

– *Meu Deus!*, disse um deles. *O que é isto? Há uma carroça vindo ali, e o condutor está gritando para o cavalo, e ainda não conseguimos vê-lo.*''

– ! Isso não pode estar certo, disse o outro, seguiremos a carroça e veremos onde ela vai parar

[...]

– Quer ficar quieto?, disse o lobo, – você vai acordar as pessoas!

– O quê?, respondeu o garotinho – é que você comeu bastante e eu fiquei feliz também, e começou novamente a gritar com todas as suas forças.

Finalmente seu pai e sua mãe acordaram com o barulho, e correram para a cozinha e olharam através da abertura da porta. Quando eles viram que um lobo estava lá dentro, eles correram e o marido pegou o seu machado, e a mulher a foice.

– Fique atrás de mim, disse o homem, quando eles entraram na cozinha. Quando eu lhe tiver dado um golpe, se ele ainda não estiver morto, debes cortar e decepar seu corpo em pedaços. Então, o Pequeno Polegar ouviu as vozes de seus pais, e gritou:

– Querido pai, eu estou aqui; eu estou dentro da barriga do lobo. Cheio de alegria, o pai disse:

– Graças a Deus, o nosso querido filho nos encontrou novamente, e pediu à mulher para levar embora a foice dela, e que o Pequeno Polegar poderia ser ferido com ela. Depois disso ele levantou o braço, e golpeou o lobo tão forte na cabeça que ele caiu morto, e então, eles pegaram facas e tesouras e abriram o corpo do lobo, e puxaram o pequeno garotinho para fora.

– Ah, disse o pai, – que tristeza estamos passando por tua causa.

– Sim, pai, eu corri muito ao redor do mundo como nunca. Graças a Deus, estou respirando ar fresco novamente!

– Por onde andastes, então?

– Ah, pai, eu estive no buraco de um rato, no estômago de uma vaca, e depois dentro de um lobo. Agora quero ficar com você.

– E nós não venderemos você novamente, de jeito nenhum, nem por todo ouro do mundo, disseram seus pais.

E eles abraçaram e beijaram o Pequeno Polegar. Deram-lhe de comer e de beber, e fizeram algumas roupas novas para ele, pois as dele haviam se estragado durante a viagem.

Fonte: <[http://pt.wikisource.org/wiki/Contos de Grimm/O pequeno polegar](http://pt.wikisource.org/wiki/Contos_de_Grimm/O_pequeno_polegar)>